UMA REMINISCENCIA

João Baptista Perdigão de Oliveira

Conheci-o bem. Fomos estudantes das mesmas aulas no Lyceu Cearense, e isto já vai para mais de meio seculo. Elle mais velho e, com certeza, mais ajuizado do que eu.

Nas classes dos professores João Brigido dos Santos e Theophilo Rufino de Menezes fazia sempre uma bôa figura. Gostava muito do vernaculo e de philosophia.

Por esse tempo appareceu em Fortaleza uma companhia de cavallinhos. Trazia no seu elenco duas jovens, a Cruzeiro do Sul e a Estrella do Norte.

A primeira, predilecta da classe estudantal; a segunda, a eleita dos caixeiros.

Todas as noites havia função, alli, bem em frente á casa commercial Proença, na Rua General Sampaio.

Regorgitava de povo nocturnamente. Os partidos se degladiavam. Era um enthusiasmo ardoroso, febril, communicativo, ao ponto de serem arrastados para essa luta incruenta as familias cearenses.

Fortaleza toda se definira por um dos partidos.

Em uma bella noitada, quando a Estrella do Norte estava sendo ovacionada delirantemente pelo nucleo caixeiral, nós, estudantes, que eramos poucos no momento, iamos nos retirando mui abati-

dos pelo fracasso, pela flagrantissima derrota, quando João Perdigão entra para o picadeiro do circo, e recita uma poesia, cujo primeiro verso dizia assim:

«Somos poucos, mas, unidos,
Bem fortes, mas revestidos
De enthusiasmo e de fé.
Si na lucta não vencemos,
Não se diga, que cedemos,
Eis-nos, altivos, de pé».

Recrusdeceu o enthusiasmo dos partidarios da Cruzeiro. E a nossa derrota assim foi suavisada.

Crescem as ovações de parte á parte.

E acabada a função, discutia-se, gritava-se, e a coisa foi engrossando por tal forma, que se organisaram passeiatas, e depois... depois a coisa acabou em pancadaria.

O homem era poeta. Tinha no seu estro um iman de attrações, mais do que isto, o estilete galvanico para communicar aos outros vibrações nervosas, tal como se faz hoje com o toque de Assuero.

Acabara eu os preparatorios. Seguira para o Rio de Janeiro, para á Côrte,como se dizia naquelle tempo. Ia matricular-me na Polytechnica.

Nunca mais vi o João Perdigão.

Passados muitos annos, volto ao Ceará, e, aqui, o encontrei homem maduro, estudioso, dado a essas pesquizas historicas.

Um escaphrandista de alfarrabios deligente no intuito de reconstruir a historia do Ceará.

E com esse intuito nos forneceu documentos preciosissimos.

Os annos se accumularam nelle e em mim, e, de vez em quando, nós dois, já velhos, paravamos em algum ponto da cidade.

Recordavamos o passado, que fôra para ambos de tam doces alegrias.

Depois, nunca mais o vi.

Em um dia tive noticias de seu fallecimento. E eu tornei a relembrar-me dos nossos tempos da

mocidade, da Cruzeiro do Sul, e daquella carreira que demos quando do nosso encontro com a classe caixeiral na rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco, no quarteirão entre as de S. Paulo e de Guilherme Rocha.

Recordei esse facto, e como que revivi na minha plena meninice dos meus quatorze annos.

João Perdigão era um homem bom. Intelligente, applicado aos livros, muito honesto.

Um cearense ás direitas, digno desse nome.

Antonio Theodorico da Costa.